

ISSN 2764-4014

REVISTA GERAÇÃO DE 20

DA ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

v. 2 n. 1 janeiro/março 2022



REVISTA GERAÇÃO DE 20

DA ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

v. 2 n. 1 janeiro/março 2022

ISSN 2764-4014

IMPRESSO

Água Xerox Papelaria

(Módulo 3, UEFS) — (75) 9 8822-6498

AJUDE-NOS A MANTER A REVISTA GERAÇÃO DE 20 NO AR



Ao apoiar a Revista Geração de 20, você ajuda a custear as plataformas que mantêm o projeto no ar e ainda contribui para a continuação da divulgação gratuita de poetas, escritoras e artistas visuais independentes.

**DOE QUALQUER
VALOR**

Chave Pix: geracaode20@gmail.com

Titular: Wanderson Silva Mercês

CPF: ***.008.335-**

Banco Pan

Conheça o nosso site:
www.geracaode20.org



OBJETIVO DA REVISTA

A Revista Geração de 20 é um periódico digital e físico que visa promover a literatura e as artes visuais produzidas por artistas independentes durante a década de 2020 no Brasil.

LINHA EDITORIAL

A Revista Geração de 20 nasceu da mente inquieta de um graduando do curso de Letras e poeta independente que se articula para que a sua arte e a de outras pessoas artistas sejam divulgadas. Nesse sentido, a revista se propõe a divulgar o trabalho de artistas independentes. Buscamos publicar quem está surgindo na cena artística, todavia, artistas que desenvolvem um trabalho há mais tempo também são bem-vindas. Não publicamos trabalhos que contenham qualquer tipo de preconceito e/ou que reforcem qualquer discurso de ódio.

FORMATOS

Aceitamos poemas escritos em versos livres ou em formas fixas; contos, crônicas, minicontos, cartas, etc.; e desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, designs, fotografias, etc.

AVALIAÇÃO

Após prévia consideração da equipe editorial, que verifica se as regras do edital estão devidamente atendidas, as inscrições são enviadas às pessoas pareceristas, que podem aceitar ou recusar a obra para publicação. Em caso de exceção, a decisão final caberá às editoras.

PERIODICIDADE

A Revista Geração de 20 publica duas vezes ao ano, com periodicidade semestral. A chamada para inscrição ocorre em momentos oportunos e é divulgada no site e nas contas oficiais da revista nas redes sociais.

COMO REFERENCIAR

ÚLTIMO NOME, Primeiro nome da pessoa autora da obra. Título da obra. **Título da Revista**, local de publicação, volume do fascículo, número do fascículo, p. (página inicial e final da obra), mês, ano de publicação.

Exemplo:

LAVOISIER, Celso. Um breve ensaio sobre o sentido da Arte. **Revista Geração de 20**, Feira de Santana, v. 1, n. 1, p. 36-37, jul./dez. 2021.

DIREITOS AUTORAIS

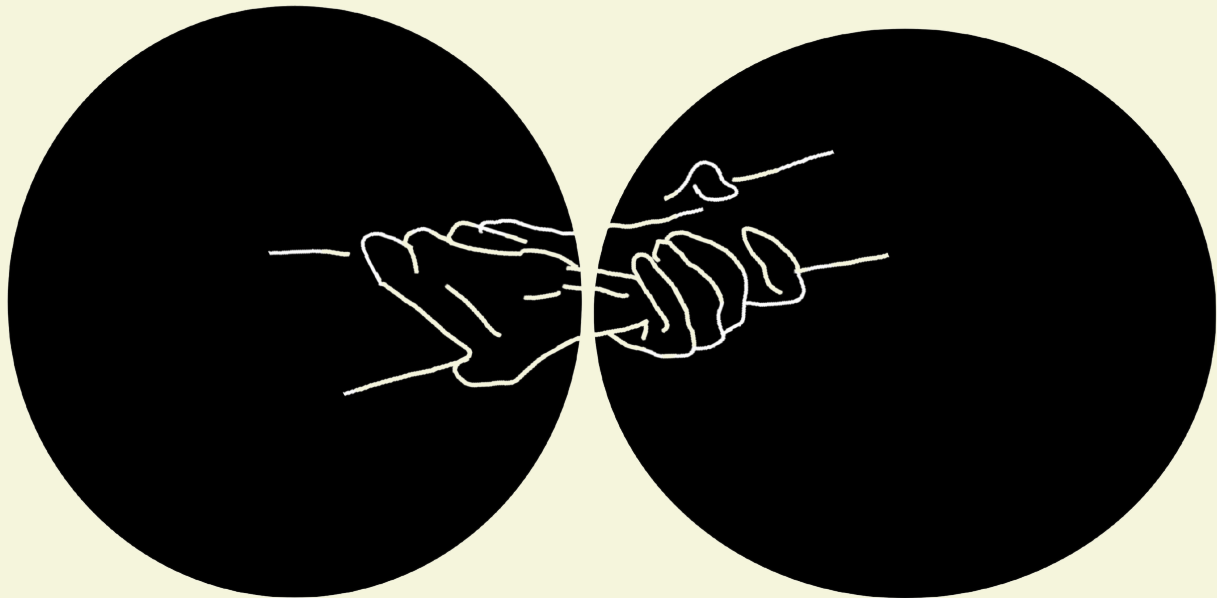


Ilustração digital de Yoso/Imagem: A1: 0 2

São permitidas, a título gratuito, a consulta e a reprodução, parcial ou total deste fascículo, para uso próprio de quem a consulta, desde que dê os devidos créditos (para o crédito de autoria, devem ser mencionados: o título da obra, o nome completo da pessoa autora e a fonte). É expressamente vedada a cópia ou reprodução deste material para uso comercial, ou distribuição comercial.

© 2022 Revista Geração de 20

EQUIPE EDITORIAL

EDITOR-CHEFE

Dee Mercês – Instagram @legiaodemim

COMISSÃO EDITORIAL

Clareanna Santana – Instagram @clareamente

Fabiana Souza – Instagram @soul2faraway

Ronaldo Porto – Instagram @euronaldoporto

REVISÃO DE TEXTOS

Aline Haar – Instagram @arevisao

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Dee Mercês

PERIODICIDADE: Trimestral

IDIOMA: Português, Brasil

AUTOR CORPORATIVO

Dee Mercês – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

Logradouro: Feira de Santana - Bahia - Brasil

CONTATOS

Redes sociais: Instagram

E-mail para contato: geracaode20@gmail.com

Site: www.geracaode20.org

CRÉDITOS

CAPA

Jader Santini

@jadertsantiniartes

AUTOR CONVIDADO

Taulo Soares

@_sapiientaulo

CONSELHO EDITORIAL

Profª Ma. Fernanda dos Santos

@fernandafsafsa

Profª Gisele Rocha

@escritora_giselerocha

SUMÁRIO

- | | | |
|----|---|-------------------------------------|
| 8 | EDITORIAL | |
| 9 | ANTHONY RODRIGUES
Aguçar | |
| 10 | BEATRIZ FERREIRA
A Queda | |
| 11 | BREDY SILVA
Li ber da de | 25 |
| 12 | CAROL DIA
Sem Título | 26 |
| 13 | DENISE COURTOUKÉ
Dia Ruim | 27 |
| 14 | du massari
Sofritempo | 28 |
| 15 | EMILIA REGINA FRANZOSI
Despedida | 29 |
| 16 | JADER SANTIN
A arte visual do autor | 30 |
| 18 | JILMARIO JUNIOR
Poder ao Povo Preto | 31 |
| 19 | BEATRIZ FERREIRA
Era Adulta... Ou Quase isso | 32 |
| 20 | DAIANE OLIVEIRA
Tranca Rua | 34 |
| 21 | FERNANDA LIRA
Gorgulhos | 36 |
| 23 | CHARLES ALMEIDA
A arte visual do autor | 38 |
| | | FERNANDA DOS SANTOS
Abrigo |
| | | FRANCISCO HERALDO
Tateio |
| | | GABRIELY SANTIAGO
Identidade |
| | | GUTENBERG LÖWE
Sem Título |
| | | HILTON NOGUEIRA
Papo de Preto |
| | | JERUSA FURBINO
Indagações |
| | | KAROLZINHA DA SILVA
Eu Escrevo |
| | | YOSO
A arte visual do autor |
| | | RICARDO R. GALLIO
Inverno Eterno |
| | | ÍCARO DE FRANÇA
Só a Gente |
| | | TAULO SOARES
Autor convidado |

EDITORIAL

2022, mais um ano que começa sem a perspectiva do fim da pandemia da covid-19. Continuamos aqui, por algum motivo, sem entender, tentando entender ou convictas de já que entendemos o que está acontecendo. Várias são as conjecturas. Bizarras ou aceitáveis, elas estão aí.

Entre um dia tenso carregado de notícias trágicas e outro dia menos tenso carregado de notícias menos trágicas, a arte está para nos salvar. Ela nos salva diariamente porque tem sido impossível viver sob a égide de um governo que sucateia os mecanismos culturais do seu país durante a maior crise sanitária mundial da nossa época. Nesse sentido, este fascículo veio “en buena hora”.

O volume 2 número 1 da Revista Geração de 20 apresenta a você a arte de vinte três artistas independentes, que falam sobre temas variados em suas produções artísticas, e as considerações do autor convidado, Taulo Soares. Ritmo, movimento, elementos da natureza: rio, mar, céu, nuvens, água. Liberdade encontrada no caminhar diário de dias ruins, cujos problemas antecedem a solução. A representação da figura humana, despida, desconhecida, sozinha, a fim de viver a sua própria história. Papo de preto: Tranca Rua não baixa a cabeça para ninguém! Filosofia e Ciências Sociais caminham juntas mostrando artefatos para que o corpo continue sendo abrigo. E os “porquês” do duo vão para qual dimensão? Encontrar essa resposta é a nossa responsabilidade e não poderemos falhar.

Este número vem carregado de sentido em um momento em que quase nada faz sentido. E por falar em “sentido”, a Revista Geração de 20 de agora em diante faz parte da rede mundial de publicações periódicas respaldada, aqui no Brasil, pelo Centro Brasileiro de ISSN. O CBISSN avaliou o nosso trabalho e atribuiu o ISSN 2764-4014 à nossa publicação on-line. Para nós, é motivo de muita alegria compartilhar essa notícia com você. Vamos em frente! Boa leitura!



Ilustração digital de Jader Santini

AGUÇAR

Movimento
De liberdade
Sem tormento
A curiosidade

Fez Eva comer a maçã,
criou a humanidade
Faz querer os lábios de lansã
e cria a complexidade

Acende, ascende e transcende
Os corpos sem envergadura
A curiosidade
O buraco da fechadura

ANTHONY RODRIGUES nasceu Ituiutaba/Minas Gerais. Atualmente, vive em Primavera do Leste/Mato Grosso. Advogado e estudante que escreve por lazer e sem pretensões artísticas. Não possui publicações artísticas, apenas acadêmicas.

A QUEDA

Dizia ser livre
Correnteza em seus pés era caminho
Dançando contra ou a favor dos ventos
Rodopiava sem cogitar o pouso
Era pássaro cantante
Em silêncio borbulhante
Era obra bem-feita em movimentação

Se pedissem: respira um pouco!
Sorrindo, não pararia
“Meus pés não me pertencem
Meu coração flamejante rejeita interrupções”
A liberdade tem cheiro de coração acelerado
Pulsação descontrolada
Ao ritmo perfeito

Mas como uma gota presa às nuvens
Tudo que tá no alto, baixa
A liberdade traiçoeira
É armadilha dos sonhadores

Imagens bem-feitas
névoas condensadas
os olhos que piscam
acordam atordoados

Preso em sua cama
Vislumbra um espetáculo sem aplausos
A dança acabou
A lágrima ficou

BEATRIZ FERREIRA (2002) nascida e criada em Feira de Santana/Bahia, é estudante de Letras com Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e bolsista de Iniciação Científica na área de letramento e subjetividades da literatura negra pela FAPESB.

LI BER DA DE

a poesia é o farol
que permeia o véu das nossas
Incertezas
o amor que transcende marés
que habitam dentro da gente.
vai além de floreios
ou rimas...
traz geração
em forma de a r t e,
destacando a A L M A
em palavras.
é o primeiro céu do amanhã
a esperança urgente
tatuada em forma de recomeços.

BREDY SILVA (Brasília/Distrito Federal) é escritor independente nas horas vagas e criador da página @raiosdeaxé. Iniciou no mundo das escritas em meados de 2018. Acredita que as diversas formas de poesia podem mudar a percepção de vida das pessoas.

SEM TÍTULO

Começou em água de nuvem
Salgada
Transmutada
Caindo do céu
Arrisquei o deslize
Mas não caí
Uma volta
Uma parada pra descansar
Uma conversa solta
Um dia todo de riso
Voz
Boca
Acabou em água na nuvem do céu da boca

CAROL DIA é fogo que acendeu na terra baiana do Sertão da Ressaca e, crescendo, avuou pelo ar para se encontrar água. Artista multi(in)disciplinar da palavra, andarilha, performeira, poeta, pesquisadora, artesã, produtora cultural e mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

DIA RUIM

Céu de chumbo
um dia de chuva.
Abro os olhos
quero dormir outra vez.
Meus olhos
sujos por tempestades de areia
ciscos malditos
disco furado que travou um país
quero viver no meu sonho.
Pesados cinzas
pedem acender um lume
no solitário coração.
As nuvens escuras
prestes a soltar chuva
descarga de águas, violenta.
Só nossos corações
juntos e iluminados
podem suportar a tormenta
a tempestade de escuros
que comeu a comida da mesa dos brasileiros
que metralhou as crianças
as mulheres e homens negros
que sujou contratos de vacina
corpos que restarão empilhados
cisco violento e maldito
negação
inflação
aberração
Falta sentimento
falta vacina, comida educação
cultura, riso, afeto.
ética, bom senso, verdade
alegria, paz.

DENISE COURTOUKÉ é atriz e escritora. Escreveu o prefácio em *Chorando pela natureza*, revista Toma Aí Um Poema. Escreve para a revista *Culturae*. Trabalhou com Ulysses Cruz, Antunes Filho, Ângelo Antônio, Leticia Sabatella, Samir Yeasbek, André Mehmari, Jessye Norman, Seiji Ozawa, Tadashi Endo, Tess de Quincey.

SOFRITEMPO

meu modo de ver o mundo sofre de tempo
desconhece o poder da eternidade,
sente que ela está atrasada

quer garantias pra depois do próximo passo
e depois é esse tempo,
onde já não se tem mais nada.

planeja seu responder
prevendo o que talvez
lhe seja perguntado
e na crença dessas vaidades
pensa mil e uma possibilidades
pra evitar o peso, por ele mesmo dado
à ilusão de se estar errado.

quando as coisas não precedem significado
libertas de compreensão
abre um espaço no peito, um caminho pra visão
e frase nenhuma carece de efeito
assim pensado de antemão

livre arbítrio talvez não seja ter opção
mas uma certeza tão plena
que não resta outra direção
pra além dessa onde o problema
já nasce junto da solução!

du massari do interior de São Paulo, nasce em Itápolis há 35 anos, tendo nos últimos 12, em Araraquara, formado e trabalhado em universidade pública, abandonada há 5 para, junto de seu companheiro, viver a Água Rasa, chácara onde hoje cozinha, planta, escreve, canta e sobrevive em alternância sazonal com o sul da Bahia.

DESPEDIDA

Eu
sozinha
me despedi de ti,
mandei-te embora
(apesar de você
há tanto tempo
já estar fora).

Agora
vou também
para outro mundo
a fim de viver
não nossa vida
mas por um segundo
minha história.

Eu
(tão) sozinha
Vagarei em mim por esses dias
Finalmente me convenço
de que não há nada a ser oferecido
se
enquanto você me abraça
eu não estiver comigo.

EMILIA REGINA FRANZOSI (1991) cresceu no norte do país e ali começou a escrever pequenos poemas. Atualmente, vive em Joinville/Santa Catarina. É Psicóloga e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participa de saraus universitários, mas ainda não publicou poemas em nenhum livro, dedicando-se a escrita científica até então.

A ARTE VISUAL DE JADER SANTINI



"As imagens aqui publicadas consistem em ilustrações digitais referente aos meus últimos estudos na representação da figura humana e também na própria produção na linguagem digital da imagem. São retratos de pessoas comuns e desconhecidas tendo a imagem do corpo e do rosto humano como tema principal. Meu interesse é buscar nos traços e nos rostos as suas próprias histórias a serem contadas.

Uso um desenho com influências cartunescas, a intenção é deixar a influência dos quadrinhos transparecer, na intenção de seguir os passos do mestre Roy Liechtenstein. Tenho usado um fundo vermelho e um fundo rosa em contraste com os corpos visando criar uma certa tensão visual. O processo de criação consiste na elaboração do desenho propriamente dito, ainda de forma "analógica", em papel e a lápis. Após digitalizá-lo, passo a colorir usando *softwares* de edição de imagem e, também, retocando os traços quando necessário."

JADER SANTINI (1984) nasceu em Porto Alegre/Rio Grande do Sul. É formado em Artes Visuais - Licenciatura pela UERGS, especialista em Cinema pela Unisinos e professor em São Leopoldo/RS. Também é artista visual, com trabalho voltado para ilustração e quadrinhos, e publicou *Anima* (v. 1 2020).



Ilustração digital de Jader Santini

PODER AO POVO PRETO

“Já dizia Charlie Brown Jr: ‘dias de Lutas, dias de Glória’

Só que, para o meu povo, todos os dias são de lutas, e, muitas das vezes, a luta acaba com um tiro do cara fardado. Tá ligado?

Lutar é o que o meu povo tem feito por muito tempo, desde aquela invasão que eles chamam de ‘descobrimento’

Ram...

Descobrimento é o caralho, bando de genocida desalmado, vocês exterminaram, escravizaram e estupraram os meus antepassados. Roubaram a nossa cultura, empunharam a sua fé, embranqueceram o Cristo.

E ainda hoje o povo preto sofre na pele o seu racismo escancarado. Mas não se preocupe, porque nossos dias de glórias vão chegar, vamos ocupar novos espaços, honrar a memória dos nossos antepassados. E aí, eu quero ver se agora vocês vão conter o poder do povo preto.”

JILMARIO JUNIOR (2002) nasceu em Tanquinho/Bahia. É estudante de História, leonino, militante anti-racista e, às vezes, escritor. Atualmente, reside em Feira de Santana/Bahia. Tomou gosto pela escrita ainda no ensino médio, participando de oficinas de literatura.

ERA ADULTA... OU QUASE ISSO

Ela estava exacerbada. Havia crescido. Se tornado a pessoa que, por tanto tempo, havia observado. Não, não podia ser. Estava adulta? Ou quase isso? Não podia ter se deixado levar tão facilmente. Por quanto tempo fechara os olhos? E então, qual a última vez que degustara felizmente uma bala do mercadinho da esquina? Ou acordara tarde sem peso na consciência? Não, não lembrava. Havia se tornado adulta, ou quase isso. Um pé lá e outro cá, no ponto esperando o ônibus atrasado passar, esse ônibus sufocado de adultos que sufocaram seus sonhos passados e que estranhavam aqueles que ainda sonhavam. Entre mil, uma alma salva. Era engraçado, pensava, quando ainda alma pequena olhava as pessoas nesse lugar de sofrimento e na inquietude existencial agradecia por ser transportada confortavelmente para a escola. Achava que seria assim a vida toda. Só que a vida disse não. Anda com teus próprios pés, mas não em teus próprios caminhos; a manhã urge para você segui-la, e o adulto é bicho programado. Ai! Nem podia ser. Ela havia crescido assim? Sem mais nem menos? Sem aquela sensação de liberdade preenchida no peito que tanto pensou um dia acontecer? Um dia se flagrara brigando rabugenta com a irmã e sua prima porque estavam rindo escandalosamente.

Mas criança não ri? Criança ri sim! Por que isso a incomodava tanto? Merda! Merda, ela podia até xingar sem medo, ninguém a repreendia mais.

Então ela havia crescido gradativamente, foi? Oxe, oxe, oxe, mas nenhuma explosão no peito? Nem satisfação? Nem ao menos percebido essa angústia frequente que domava o peito? Tornou-se então sua tia sem graça e rabugenta? Achou a vida toda que seria a titia que admirava todos os dias, aquela que conversava, brincava e ria com ela. Estranho isso, titia era adulta também, mas não era triste, não. Era uma adulta diferente da outra tia e da mãe, essas estavam sempre trabalhando e resmungando, sempre tristes e solitárias. Ela queria ter sido a adulta titia, mas não tinha tempo para sentar na porta de casa e contar histórias para a geração menor. Não tinha tempo! Tinha que estudar também, resolver uns negócios chamados problemas e dar atenção às redes sociais, a brincadeira vinha depois ou talvez nunca. As ruas compreenderam, não clamavam mais o seu nome.

Talvez fosse isso mesmo, se tornar adulta... Talvez não mais admirar a vida como uma eterna descoberta indescritível, como uma felicidade constante, talvez fosse viver com responsabilidade e o peso do conhecimento. Havia crescido mesmo, ou quase isso. O ônibus lotado e atrasado finalmente aparecia na sua visão, ela parou de pensar.

BEATRIZ FERREIRA (2002) nascida e criada em Feira de Santana/Bahia, é estudante de Letras com Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e bolsista de Iniciação Científica na área de letramento e subjetividades da literatura negra pela FAPESB.

TRANCA RUA

Não parecia tarde, mas o silêncio nas calçadas e a ausência de transeuntes tornou evidente o “avançado” da hora. André andava rápido, mas não o suficiente para parecer que corria ou fugia de algo. Ofegante. Como fora perder o último transporte para casa? Não devia fazer hora extra. Agora, ainda estava na rua. Entre sobe e desce de ladeiras, seguia com passos largos, seguros. Apertou a sacola que levava a marmitta que Maria preparara com tanto zelo. Maria, nega véia, sempre fazia de tudo para agradar. Mais de oito horas trabalhando e outras quatro no transporte não era fácil. Vivia o mesmo e ainda não deixava faltar o almoço e “janta”. Maria devia estar preocupada. Sem telefone, como avisar que chegaria mais tarde? O governador decretou que haveria o tal do “look” alguma coisa, mas como a vizinha gostava de chamar, “Tranca Rua”. Pandemia, sem ônibus, pouco dinheiro no bolso, aperto no peito... Que situação. Ainda faltava uma boa andada para chegar. Na esquina, a viatura. Para quem nasceu com a sua cor, na sua comunidade, sabia que tão perigoso quanto o escuro da noite era ser escuro naquela noite. Seguiu. A sacola revistada, entregou os documentos, não faltou o “baculejo” diário. Sem tremer, André foi liberado apenas com um aviso de “anda logo, saia da rua”. Faltava chão, ainda. Pensou em Exu, agradeceu aos guias, continuou pedindo proteção. De longe, o barraco. Maria esperava na porta com o caçula no colo, a dormir. O coração aqueceu ao ver a “nega véia”. Passara a apreensão. Agora, sim, seguro e vendo os seus bens. Com Maria, Adriano e Maria Eduarda. Era tarde. Amanhã, outro dia.

DAIANE OLIVEIRA (1989) é jornalista preta antirracista, escritora, mãe, poeta, nordestina e arte-educadora. Assim, ela se apresenta ao mundo e traz, na escrita, a vivência de ser uma mulher negra.

GORGULHOS

Há decisões muito difíceis, num é? Quando um homem se vê diante de uma decisão dessas e não hesita em assumi-la, ele se engrandece, viu? Ele mostra que é homem com agá maiúsculo. Frases assim, você diria, só podem ser ditas por uma mulher a minutos do altar – engrandecida, quente por dentro, desesperada. Imagino isso: uma vingança sem vingados: a mulher deve se casar, por desejo e aflição, então estar bem feliz, fazer do homem sua vida, depois odiar a si, odiá-lo, odiar a bem da verdade toda a vida, tudo e todos. As asas cortadas, derrotada, cai. Vejo diante dos olhos essa mulher sem nome, ou que responde como a quiserem chamar. Ela vê diante de si a vida, esplendorosa, vê o corpo de Jesus aberto na cruz. Sangue, feridas, a dor masoquista, a coroa esdrúxula. Há mármore, ouro, lírios brancos, renda, velas coloridas e aromáticas, rostos tão comuns, invejosos! Invejosas! Há música, ar-condicionado, Santa Rita de Cássia, pétalas de rosas diversas sob seus pés. Suponho de repente um ódio safado, fortuito e atroz, a crescer lento e quente, mole como lava, nunca uma explosão. Então um dia ela empurrará a porta grossa com o peso do corpo, vai sentir o cheiro forte e masculino da madeira, não se importará de amassar a roupa ao deslizar pela fina fresta aberta. Ela o odeia, já, e muito. Deseja uma morte sem forma definida, definitiva como num filme. Ela não sabe ainda que deseja, não quando se insinua para dentro do escritório onde ele, por sua vez, finge que não a odeia, que não se odeia, que não odeia a vida, o fato mesmo de estar vivo, que não odeia a mãe por lhe ter tirado o peito, e o pai mais ainda por ter dormido com sua mãe. O gelo derrete aos rodopios no uísque. Poderiam matar-se em ato, sangue por todo lado, a maquiagem dela destruída, ele dando um último esgar... Ele não a vê porque não se vira, gira o copo na mão, espera não vê-la, finge que não a ouve. Deseja apoiar ele o peso sobre a porta no sentido contrário, surpreendê-la a meio caminho da invasão, o corpo preso entre a porta e a parede – ouviria, com certeza, com certa clareza o barulho que fariam as costelas se quebrassem, ouviria sua respiração. Não se mexe por medo. Sabe que ela está dentro. A roupa nada amassada, as bochechas afoqueadas, as coxas ela aperta firme uma contra a outra, hábito antigo que não se perdia. Coxas tensionadas, tec tec, gelo contra cristal. Ela respira fundo, ele afunda na cadeira. Olhe para eles: são tudo o que temos pra hoje. Em algum lugar invisível entre os dois, nessa ausência de olhar, existe ainda a sacristia da Igreja e todas as coisas que nunca aconteceram lá. Todo o ódio sem vazão, um rio de lava represado – o tipo de coisa cuja força faria explodir diretamente na cara dele os vidros da janela pela qual olha, que explodiria em milhões de caquinhos o copo em sua mão e as garrafas e taças no armário e as portas do mesmo armário; derrubaria os livros grossos da estante que cairiam como chuva de fogo na cabeça dela, derrubaria as prateleiras de madeira maciça que sustentam os livros que pesados como pedras poderiam sepultar, bem ali, seu corpo. Algo da dimensão do absurdo, do inviável, do inverossímil. Ninguém fala na cena apesar de haver barulho, nada quebra, nada cai. Cada qual a seu modo espera que a força resolva final-

mente agir sobre eles, que um dê o primeiro passo em direção ao outro em sinal de desistência, que se arreentem o mundo e suas almas carcomidas por gorgulhos infernais. Mas nenhum dos dois é verdadeiramente religioso, é o corpo nu e atormentado de Jesus que ambos desejam, é o flagelo e a liberação pelo gozo. Então ela respira profundamente – e não pensem que não lhe dói na carne o luto – ela respira e aperta as coxas mais forte, acerta as vértebras da coluna, diz o texto, três frases simples, como ensaiara no espelho por décadas, como uma atriz um tanto coquete, exagerando o tom de desprezo e sem técnica para evitar a pontada de admiração e inveja. Há decisões muito difíceis, num é? Quando um homem se vê diante de uma decisão dessas e não hesita em assumi-la, ele se engrandece, viu? Ele mostra que é homem com agá maiúsculo. As primeiras vogais agudas demais denunciando a excitação. Ele ouve e finge que não, entregue de corpo e alma à inércia redentora, olha o copo, depois a noite, bebe. Ela sai rastejando contente como entrou, saboreia a vitória deste dia e fantasia o corpo do marido sem vida, sua língua lambendo-lhe as feridas, os buracos, o suor gelado, ela de quatro sobre ele se refestelando como um animal sobre o amontoado de órgãos e pele e banha e sangue e pelos mortos que um dia lhe dera a mão de costas para o altar.

FERNANDA LIRA (1993) é graduada em Letras pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem textos publicados em revistas e antologias coletivas, como *Sarau Brasil* (2018) e *VISÍVEIS - I Anuário Filipa Edições* (2020). Trabalhou, também, na frente e atrás das câmeras em curtas-metragens, como *Amiga Oculta* (2016) e *Esguicho* (2019).

A ARTE VISUAL DE CHARLES ALMEIDA



O artista visual procura desenvolver, no que chama de “artefatos visuais”, algumas experiências imprevisíveis, ao tentar trazer para a superfície, esboços de pensamentos, reflexões e afetos que se manifestam por vias não tradicionais. Ele filosofa o cotidiano através da escrita visual dos *fanzines* como uma experiência epistêmica da periferia. A periferia enquanto espaço-território de um ecumenismo criativo entre filosofia, arte e saberes populares.

CHARLES ALMEIDA é graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Trabalhou em cursinhos populares e projetos culturais de cine clubismo. É colecionador de Histórias em Quadrinhos, levou para a pesquisa de mestrado as suas vivências como professor e leitor e construiu um percurso com diversas referências.

Yoga Kemetica

Desobediências visuais

O IMPOSSÍVEL NÃO É UM FATO, IMPOSSÍVEL É UMA OPINIÃO!!!

FANTAGRAPHICS TREASURY EDITION
HIP HOP FAMILY TREE

FLASH

PretoGÜES

POLÍTICOS NÃO REFLETEM MAIORINS, ELES AS CONSTRÓEM

COMETA
BAKHITA: A PRIMEIRA SANTA AFRICANA
exemplo de resistência e fé para o mundo
CIDADE NOVA

"Impõe-se a necessidade de enegrecer as referências" (Pêlia Gonzales)

STUART HALL
SELECTED POLITICAL WRITINGS
The Great Moving Right Show
AND OTHER ESSAYS

Africanas

TOUSSAINT LOUVERTURE

NEGROS

VERSÃO TESTE

Artefato visual de Charles Almeida

ABRIGO

Corpo ferido
continua sendo casa.
Com minhas unhas, dissipo mágoas
Com minha escrita, sangro pensamentos

Corpo abrigo
é o nome que dou
ao canto da minha DOR

Corpo ferido
não precisa se calar,
não abriga só feridas,
mas resiste, como tantas Fridas
Eu, tu, somos abrigo(s)

FERNANDA DOS SANTOS SILVA (1997) nasceu em Feira de Santana/Bahia. Escreve desde a adolescência e já teve poemas publicados em antologias coletivas. É graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), mestra em Estudos Literários também pela UEFS e professora de Língua Portuguesa da rede municipal de Feira de Santana.

TATEIO

Meus dedos
Tateiam
As teclas de um poema
O silêncio vagueia em meu corpo
E o correr doloroso das horas
Já não importa
Olho para os lados
Sem saber de que lado
Os olhos me observam
Tateio em vão as teclas de um poema
Desconhecendo
As palavras
Que anseiam brotar
Mas que se escondem
Nos buracos do teto

FRANCISCO HERALDO é natural de Diadema/São Paulo, professor de Língua Portuguesa e Literatura e poeta. Realizou diversos saraus em Diadema com o grupo Divinos & Profanos, do qual é cofundador. Tem poemas publicados em coletâneas e publicou, pela Alpharrabio Edições, o seu livro de estreia *O que tem atrás da porta?* (2021).

IDENTIDADE

Reuni todas as vozes que ecoavam dentro de mim e dei um grito de liberdade.

Me reconstruí de cabelo cortado, alma limpa e coração sarado

Disposta a buscar no mundo o que um dia me foi negado

Com todas as dores de ser mulher, preta, autêntica e de cabelo encrespado.

Reuni todas as vozes que ecoavam dentro de mim e dei um grito de liberdade,

O estrondo foi tão grande que minhas ancestrais dançaram de felicidade.

Hoje, as minhas escrevivências são mais que poemas

Porque sou a poesia, a poeta e a melodia. A identidade

E toda coragem que sempre falaram que eu não tinha.

GABRIELY SANTIAGO (2000) mora na zona rural de São Gonçalo dos Campos/Bahia. É graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e escreve desde que as palavras traduziam tudo o que o seu coração sentia.

SEM TÍTULO

Camisa desbotada
as flores ainda guardam
sua primavera

Gutenberg Löwe é autor de literatura fantástica, tem contos em várias antologias e revistas, tanto físicas quanto digitais, e colabora no selo independente Ficções Pulp!. Seu desejo é sempre construir histórias que sejam verdadeiras viagens a outros mundos para seus leitores.

PAPO DE PRETO

Preto se tu soubesse a força que tu tens.
Não abaixava a cabeça para ninguém.
Levante tua cabeça, pois tu és descendente de Reis e Rainhas.
Tua pele reluz ouro que nenhum dinheiro e homem branco é capaz de comprar.
Preto tu tens sangue de guerreiro e a proteção de teus orixás.
Vá para a luta e vença todos os obstáculos previstos durante teu caminho.
Se cair, levante com a força maior que a queda.
Preto, se orgulhe de ocupar lugares que nunca nos deram a oportunidade de adentrar.
Preto, siga em frente abrindo o caminho para aqueles que vêm atrás...

HILTON NOGUEIRA é poeta marginal, baiano da cidade de Ilhéus. Através de sua escrita em forma de arte, busca trazer tanto suas vivências quanto a dos negros e a representatividade do povo preto, usando da mesma para fazer suas críticas sociais para a sociedade.

INDAGAÇÕES

Para onde vão as certezas
que deixamos de ter?

Para onde vão os sonhos
que desistimos de realizar?

Para onde vão os poemas
que esquecemos de anotar?

Para onde vão os porquês
que paramos de porquetear?

Para onde vão as escolhas
que o livre-arbítrio finge nos dar?

Para onde vão os amores platônicos
que nunca tiveram a sorte de um beijo?

Para onde vão os amores eternos
que de tanto sal ficaram hipertensos?

Para onde vão os carinhos
que nossas mãos não fizeram?

Para onde vão os beijos
que nossos lábios não tocaram?

Me diga aí, afinal!
Para onde vão as perguntas
que não trilham respostas?

JERUSA FURBINO é mulher, mãe, dona de casa, advogada por formação e poeta por atração. Publicou seu primeiro livro de poesias, *Rabiscos*, em julho de 2020; seu primeiro romance, *Inimigo Oculto*, em outubro de 2020; e *Luto*, em julho de 2021.

EU ESCREVO

eu escrevo
como quem chora
eu me derramo
em canção, poema, prosa
cada dor é uma história
cada afeto é uma memória

eu escrevo
como quem fica
quando vai embora
eu me sinto viva, criativa
em cada verso que aflora
e isso é tudo o que importa.

KAROLZINHA DA SILVA é uma cantautora, escritora e psicóloga de Guarulhos/São Paulo. Autora dos livros *Frô de Cactus* (2019) e *Bora prosear um pouco? Feminismo nosso de cada dia* (2021), acredita na arte como instrumento de resistência, empoderamento feminino e transformação social.

A ARTE VISUAL DE YOSO



Imagem: A2: teoria e prática

As obras digitais trazem a leveza das cores em um conjunto com traços pré-definidos ou não. São reflexos mentais que se tornam visuais para outro olhar por meio da tecnologia. Imagens, **A1: O 2**, baseia-se na ideia do duo, polaridade, dimensões. **A2: teoria e prática**, arte realizada para atividade da disciplina “Didática”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Zenilda Fonseca – UEFS, a qual traz o diálogo sobre modelos pedagógicos, paradigma, etc. **A3: por onde andas?...** inspirada na minha ansiedade e reflexão sobre o caminho, infinito ou não?! **A4: THE EXIT**, em nossas renovações diárias, sempre deixamos algo para trás, a fim de ficar leve, e alguns desses deixares às vezes sentimos.

YOSO (1997) nasceu em Euclides da Cunha/Bahia. Atualmente, reside em Feira de Santana/Bahia. Cursa Letras: Português e Espanhol na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Quando criança rabiscava no papel; hoje, rabisca mais no celular. Posta as suas artes em @partum_exprimere, no Instagram.

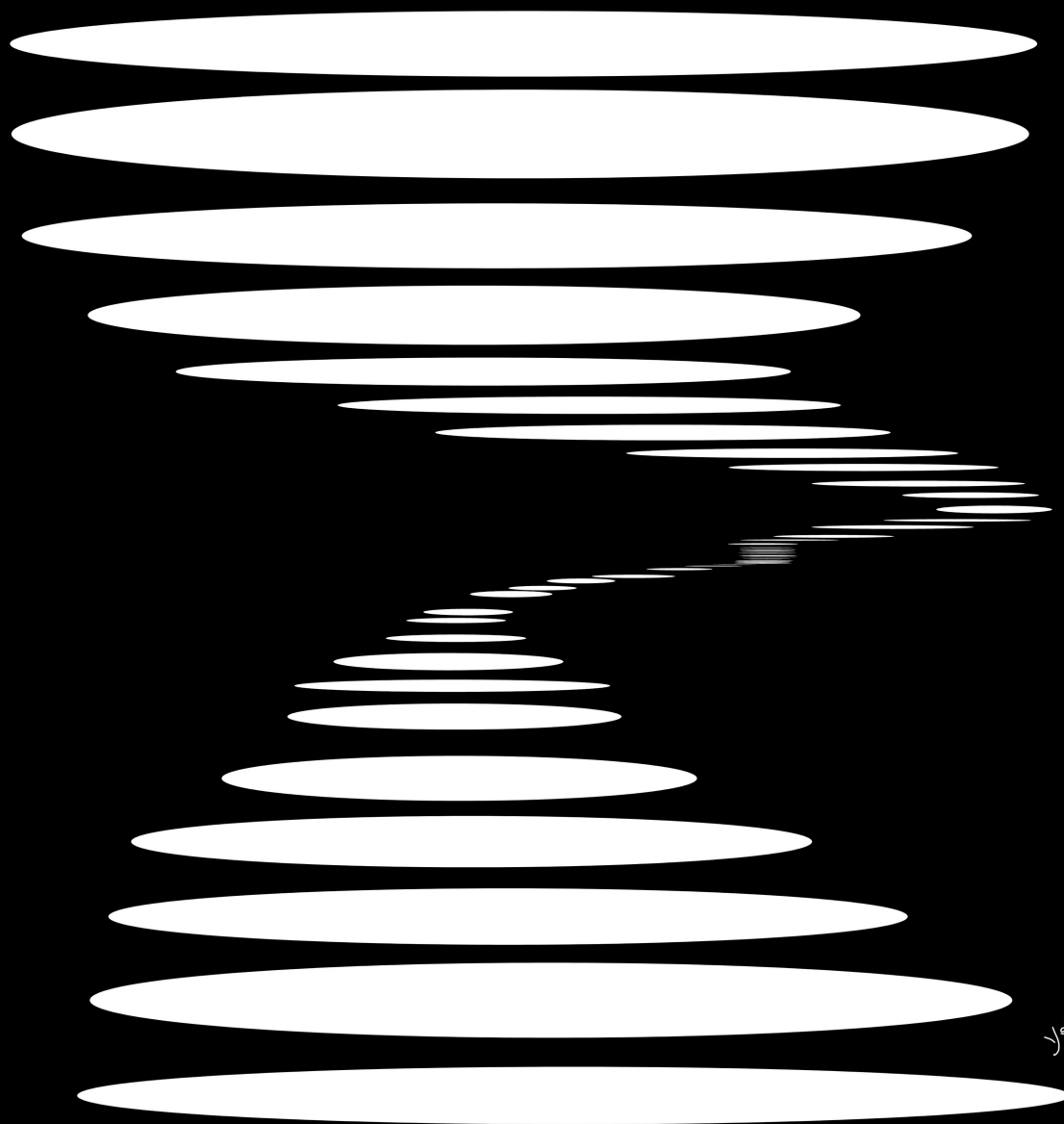


Ilustração digital de Yoso/Imagem: A3: por onde andas?...

INVERNO ETERNO

Naquele ano, todos os editoriais aqui do jornal passaram a tratar do mesmo tema: o clima. Eu estava acostumado a escrever sobre política, não sobre temperatura e previsão de chuva. Mas, daquele ano em diante, nenhum assunto deixou de resvalar nas condições meteorológicas. Vou escrever um pouco sobre isso, como venho fazendo nos últimos anos, mas já adianto que a comunidade científica não tem explicação para o fenômeno, muito menos eu.

Depois do inverno mais frio já registrado no hemisfério sul, todos aguardavam ansiosamente pela estação das flores em setembro. Porém, já era outubro e as baixas temperaturas não pareciam esmorecer. Pelo contrário: a cada dia ficava mais frio.

A situação insólita era um desafio para os meteorologistas, pois nunca haviam verificado tal fenômeno.

Massas de ar polar vinham da Antártida e invadiam o continente sul-americano com uma força devastadora. Grande parte da população estava acostumada a invernos rigorosos, mas não tinham as condições adequadas para enfrentar um frio tão extremo por tanto tempo.

O frio fora de época não era apenas algo curioso, usado pelas pessoas para iniciar bate-papos. A situação logo se tornou insustentável. Nevascas, algo extremamente raro no continente, tornaram-se comuns. A infraestrutura de toda a sociedade não estava preparada para a calamidade. Mas, logo, a indústria e o comércio se adaptaram. Eletrodomésticos para gerar calor e roupas para proteger do frio foram lançados no mercado, e as classes média e alta fizeram a festa dos fabricantes e comerciantes. Ironicamente, o frio a médio prazo aqueceu a economia.

O problema era que nem todas as pessoas faziam parte da cadeia econômica, e as classes baixas e os moradores de rua não puderam desfrutar dos mesmos benefícios proporcionados pelo capitalismo. Escrevi algumas matérias retratando a condição desumana dos mais pobres, diante de tal friagem. Porém, não surtiu o efeito que eu desejava.

Em lugares onde a miséria imperava, a morte por hipotermia se tornou constante. Pilhas de corpos eram encontradas todos os dias nas grandes cidades. Muitas vezes, várias pessoas se juntavam para tentar se aquecer mutuamente. Infelizmente, sem sucesso. Moradores de favelas, da mesma forma, sucumbiam ao frio.

Suas casas precárias não barravam os ventos gélidos e a neve se acumulava nos morros, às vezes até causando avalanches, no lugar dos antigos deslizamentos de terra.

Uma parte da sociedade achava lindo poder ostentar, em suas *selfies* nas redes sociais, um clima europeu. A realidade dos desvalidos era imensamente oposta. Como já era de se esperar, os governos demoraram para prover alguma solução. E, quando essa veio, era insuficiente.

No final do ano, um novo incidente inesperado ocorreu. Se, antes, o frio intenso e incessante havia se tornado um grande mistério a ser resolvido, o que seguiu foi um terror que todos gostariam de esquecer, não de explicar.

As pessoas mortas pelo frio voltavam à vida horas depois. Hordas de mendigos perambulavam pelas ruas, aterrorizando a todos. Das favelas, começaram a descer multidões de defuntos congelados. Por todo o continente havia mais um problema, que assim como anteriormente, os governos não souberam como resolver: era impossível se livrar dos cadáveres congelados andantes. Eles não podiam ser mortos de novo e também não paravam. Os milionários e bilionários não sentiram essas mazelas mundanas. Podiam se isolar em suas mansões, enquanto degustavam vinhos caros e *fondue*, em frente à lareira.

A classe média, por outro lado, tinha conseguido sobreviver ao frio graças às compras com cartões de crédito, endividando-se com parcelas intermináveis. Porém, precisavam sair às ruas para trabalhar e, por isso, estavam mais suscetíveis aos ataques dos desmorts gelados. Um novo caos se estabeleceu em uma sociedade prestes a ruir.

Era uma visão assustadora, aqueles espectros cambaleando em meio à nevasca. Por vezes, tive que me desviar de alguns nas ruas. Os mortos andantes eram brancos como a neve e silenciosos como uma tumba. De suas bocas, secas e gélidas, esporadicamente escapava apenas uma palavra: calor.

RICARDO R. GALLIO é publicitário, baixista e escritor de Porto Alegre/Rio Grande do Sul. Ama pizza, gatos e literatura fantástica. Desde 2019, escreve contos de horror, fantasia e ficção científica, publicados em algumas antologias, e possui um conto autopublicado.

SÓ A GENTE

“Posso sentar aqui?” Ele pergunta, não quer esperar sozinho.

“Pode. Senta aí.” A garota espreme os olhos quando o examina.

“Se tiver atrapalhando, eu posso sair.”

“Não, não. Fica aí.” Ela dá uns tapinhas no chão. “A companhia é bem-vinda.” O chão é um ótimo lugar para se sentar. Não tem divisória, cabe qualquer tamanho e iguala a vista.

“A maioria fugiu, né?”

“É. Fugir pra onde que eu não sei.” Ela pega a garrafa pet ao lado. “Aceita?”

“Hum rum.” Ele segura a cuia oferecida e espera até ficar cheio. Bebe e cospe. “O que é isso?”

“É gasolina com suco de abacaxi.”

“E por que você tá bebendo isso?”

“Porque era o que eu tinha para beber.”

“Mas é horrível!”

“Então não bebe.”

“Não, não. Podeixar, acho que eu me acostumo.” Ele analisa a bebida em suas mãos, ela tem o brilho chamativo das coisas que não prestam. Só agora, com os prédios em decadência e sem vida nenhuma entre as vias de concreto, a beleza fica perceptível. Vai ver merecem esse fim, vai ver merecem beber isso. Entorna a cuia, faz uma careta e engole. “Como foi quando tu soube do fim?”

“Hum... Assim, acho que igual a reação de todo mundo. Não quis acreditar, demorei a acreditar, até que a única opção era aceitar a realidade.” Ela fala olhando os destroços e dá um gole acostumado. “Já chorei, já gritei e tô aqui. Achei melhor ver tudo daqui do morro”.

“Pensei a mesma coisa, nunca tinha subido aqui.”

“A maioria nunca subiu.”

“A vista é bem bonita.”

“Tudo de longe é bonito.”

“É...” O garoto olha o céu. “Eu... ahn, não sei direito por que não fugi.”

“Não importa mais.” Ela dá de ombros.

“Você chega a pensar nas outras pessoas?”

“Não, não suporto drama.” As chamas nadam no céu vermelho, a beleza das nuvens quentes. “Você achou que ia acabar assim?”

“Nunca pensei em acabar.”

“Tem mais uma dose?”

“Sim, tem sim. Melhorou alguma coisa?”

“Não. É só pra ter o que fazer com as mãos.” Esperam com as duas cuias pela boca. Ele sentia falta das outras cores, quando tudo não tinha o mesmo tom carmim. “Nunca andei de avião, queria ter andado.” Ela não se altera, só dá um gole e permanece olhando para baixo. Ele continua. “Não queria ter mentido tanto. Menti demais”.

“Nunca disse eu te amo num domingo de manhã.” Ela dá um longo gole. “Deveria ter dito eu te amo, nem que fosse num dia de semana.”

“Sinto falta de música.”

“Eu gostava de dançar.”

“Eu só dançava sozinho no meu quarto, tinha vergonha.” Ele diz. “Eu ainda tenho vergonha. Só não sei do quê.” Com a rapidez que o sorriso foi aberto, se fechou.

“Queria chocolate, chocolate era o melhor.”

“Você não vai acreditar nisso.” Ele pega a mochila, abre o zíper e tira de dentro um pequeno objeto envolto num papel azul. “Tava guardando pra um momento especial. Quer dividir?”

“Sério?”

“Sério.” Trocam sorrisos que nem lembravam que tinham. “Desculpa, tá meio mole.” Ele abre a embalagem e divide a massa disforme. Cada um ergue seu pedaço num gesto de respeito. Comem e lambem os dedos.

“Tava ótimo, obrigada mesmo por isso.” Ela diz, e logo sentem um tremor. Uma luz brota do horizonte, seguida de rastros luminosos voando por suas cabeças.

“Você é o melhor estranho que eu já conheci.” Ela estende o braço e eles apertam as mãos.

“Também.”

As estrelas caem do céu, os oceanos se revoltam, nenhuma alma ascende ao céu. Em meio ao apocalipse, soltam o último suspiro. Dois desconhecidos, mas não estranhos, sentados no chão.

“Bom fim do mundo pra você.”

“O mundo não vai acabar, só a gente.”

ÍCARO DE FRANÇA é designer daltônico, surdo do ouvido esquerdo, tem cuscuz como prato favorito, costuma lavar a louça escutando música, prefere comer a sobremesa antes das refeições e se considera um grande apreciador das esquisitas e extraordinárias banalidades do cotidiano.



CONVIDADO

Taulo Soares é discente de licenciatura em Ciências Sociais e membro do Centro Acadêmico Hecilda Veiga, da Universidade Federal do Pará (UFPA); bolsista PIBIC sobre *O financiamento político e a institucionalização das organizações partidárias*; membro do projeto de extensão *Educação para a Democracia*; coordenador-geral e escritor do Instituto Mais Polítikos.

Finalizado mais um ano pandêmico de apatias e luto, torcemos por perspectivas do próspero futuro vindo de algum herói da salvação, nunca por protagonismo coletivo, o qual faça jus à verdadeira representação de um tão carismático e amado Brasil. De fato, o questionamento é “por que haveria?”; percebemos um Brasil de vários aspectos, onde muitas coisas nos separam, exceto a imensa vontade criativa de reconstruir dos estilhaços algo sublime que demonstre uma nova era salutar, pós-pandemia.

É nosso lapso: um Brasil que não conhece o Brasil! Por esse motivo, nossa diversidade se transforma em polarização e intolerância, em vez de vasta riqueza de manifestações do belo e da dignidade humana. Não confiamos nas promessas do século XX e ainda não criamos acordos para estruturação do século XXI. Nossa percepção nunca foi tão turva. Toda geração busca soluções para suas dores por uma unidade, um instrumento e uma ideia; por que ainda não enxergamos a nossa? Precisamos buscá-las em nossa vanguarda.

Graça Aranha, diplomata brasileiro, na abertura da Semana de Arte Moderna de 1922, a qual completou no início desse ano seu centenário, enfatizou: “que a arte seja fiel a si mesma, renuncie ao particular e faça cessar por instantes a dolorosa tragédia do espírito humano desvairado do grande exílio da separação do Todo, e nos transporte pelos sentimentos vagos das formas, das cores, dos sons, dos tatos e dos sabores à nossa gloriosa fusão no Universo”.

É nesse sentido que o instrumento de nossa dignidade humana é a arte, atividade que pretende ser tanto necessária, como contemplativa; logo, tornar-se capaz de não só ressignificar a realidade, mas transformá-la concretamente.

Os autores da Semana de Arte Moderna tinham em comum a ruptura com o passado, sem lhes negar sua autenticidade, porém uma nova representação da arte sobre o Brasil verdadeiro. Sim! Grande prosperidade dos brasileiros para arte é essa citada por Graça Aranha.

Dessa forma, a orientação é que a novidade se realize por inspiração transformadora e refinada do passado. Mário de Andrade escreveu, não só como poesia, mas especialmente como herança, um conselho para nós – artistas e intelectuais – que “O passado é lição para se meditar, não para se reproduzir”.

Duas décadas após a Semana de 22, Mário de Andrade afirma que os modernistas fracassaram, em razão da conduta de todo intelectual e artista que, no Brasil, buscando transformar sua realidade, permanece sobre o dilema: como ser inovador em uma sociedade tão desigual e injusta!? Eis o erro! Falharam, pois edificaram somente a ideia de um belo Brasil, sem mobilizar a luta por consciência e justiça de condições sociais, econômicas e políticas.

Nossa essência nacional é o legítimo e diversificado Belo, presente na dignidade e subjetivo de cada indivíduo, as sete artes deslumbrantes são nossos remédios e instrumentos de construção da realidade criativa e crítica; por fim, nossa ideia é a representação do Brasil como nação solidária, democrática e cidadã, que conheça e concretize sua identidade cultural e intelectual, com base nos autores do passado que valorizaram e formaram nossa história e instituições. Somos herdeiros de afortunadas lições, que devem moldar valores e eixos de uma sociedade com o estudo, o encontro e o reconhecimento das múltiplas faces brasileiras. Essa é nossa responsabilidade, não podemos falhar.

GERAÇÃO DE



Revista Geração de 20

Publicação independente do Movimento Poético Geração de 20

Feira de Santana - Bahia - Brasil - 2022

E-mail: geracaode20@gmail.com

www.geracaode20.org